



A REFLEXÃO SAUSSURIANA E OS DISTÚRBIOS DE LINGUAGEM: UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO

Fábio Aresi¹

RESUMO: Procuo, no presente trabalho, operar um deslocamento, articulando o pensamento teórico de Ferdinand de Saussure ao estudo dos assim chamados distúrbios de linguagem, e vendo, nesta relação, profícuas implicações, que dizem respeito à elaboração de subsídios teóricos de relevância para o estudo dos distúrbios de linguagem e à integração destes ao objeto da linguística. Para tanto, o pensamento saussuriano é revisitado, tendo como aporte não apenas o célebre *Curso de Linguística Geral*, mas também o conjunto dos manuscritos de Saussure (*Escritos de Linguística Geral*), os quais constituem o *corpus* saussuriano. Analiso, então, um recorte de diálogo em situação de clínica dos distúrbios de linguagem, em uma tentativa de aproximar as idéias do mestre genebrino a uma concepção de linguagem propícia à abordagem da fala nesse contexto. Por fim, concluo que os ensinamentos de Saussure, quando vistos à luz de uma interpretação que leve em conta o sujeito falante, podem contribuir substancialmente para os estudos acerca dos distúrbios de linguagem. Além disso, o estudo dos distúrbios de linguagem pode ser do interesse da linguística, na medida em que contribui para o entendimento do funcionamento da linguagem em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; distúrbios de linguagem; valor; sujeito falante.

ABSTRACT: My goal in this paper is to operate a dislocation, articulating the theoretical thinking of Ferdinand de Saussure with the study of the so called language disturbs, foreseeing in this relation valuable implications concerning the elaboration of theoretical basis to the study of language disturbs and the integration of this matter to the object of Linguistics. In order to achieve this goal, I revisit the saussurian thinking, bringing as source of research not only the celebrated *Cours de Linguistique Générale*, but also the ensemble of Saussure's manuscripts (*Ecrits de Linguistique Générale*), which constitute the saussurian *corpus*. Then I analyze a dialogue in situation of clinic of language disturbs, in attempt to approximate the scholar's ideas to a satisfactory conception of language for the approach of speech in such context. In conclusion, Saussure's ideas, when interpreted from a perspective that takes into account the speaking individual, may contribute substantially to the study of language disturbs. Furthermore, the study of language disturbs may be of interest for the field of Linguistics, since it contributes to the understanding of language operation in general.

KEYWORDS: Saussure; language disturbs; value; speaking individual.

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Estudos da Linguagem/Teorias do Texto e do Discurso. E-mail: fabio_koy@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Meu objetivo no presente trabalho é pensar sobre a língua em uso, em específico, no âmbito dos assim chamados distúrbios de linguagem, trazendo como ponto de vista as reflexões de Ferdinand de Saussure, as quais, acredito, teriam grande relevância como subsídio teórico para o estudo dos distúrbios de linguagem. Assim, este artigo segue, ao menos em parte, no mesmo trajeto do trabalho desenvolvido por SURREAUX (2006), no qual a autora procura, entre outras coisas, construir uma concepção de linguagem própria à clínica dos distúrbios de linguagem, convocando para a empreitada a reflexão saussuriana², ainda que meu interesse aqui esteja circunscrito exclusivamente ao distúrbio de linguagem e não à clínica.

Uma vez apresentado este intuito, de imediato, algumas perguntas não deixam de se fazer ouvir: como articular um pensamento sobre *língua em uso* com as idéias de Saussure? Seria aquele Saussure da linguística imanente, da velha dicotomia língua/fala, da linguística sincrônica que acabou por excluir de seu objeto o sujeito e o sentido? Tais perguntas, ainda que não sejam estranhas, trazem consigo certa ingenuidade, e creio que sua ocorrência se deva principalmente por um desconhecimento do que se tem hoje em termos de estudos e de corpus saussuriano. Conseqüentemente, explicitar a complexidade deste “aventurar-se” em Saussure constitui necessariamente outro objetivo deste artigo. No entanto, ressalto desde já que não é minha meta dar conta da totalidade do pensamento saussuriano. Tal tarefa seria inconcebível em um artigo e talvez até mesmo em um único livro. Ainda assim, haverá a necessidade de se recapitular, mesmo que brevemente, alguns pontos importantes relativos ao corpus saussuriano, tais como, por exemplo, a especificidade de surgimento do *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*) e a recepção de suas idéias, a descoberta de fontes manuscritas do mestre genebrino e as relações que os principais estudiosos da área estabelecem com e entre esses textos.

Outra ressalva importante é a de que Saussure não pensou sobre os distúrbios de linguagem, ou ainda, não há, no que se tem da reflexão saussuriana, um grande interesse pela

² Cabe dizer que Saussure não é o único linguista a ser revisitado pela autora. Ainda assim, os outros teóricos da linguagem trazidos em seu trabalho são, de certa forma, filiados ao pensamento saussuriano. São eles Roman Jakobson e Émile Benveniste. Para mais detalhes, ver SURREAUX (2006).



linguagem desviante³. Assim, se convoco as idéias de Saussure para abordar os distúrbios de linguagem, faço-o através de um gesto de interpretação, isto é, filio-me a Saussure através de uma *leitura* de sua teoria. Nesse ponto, concordo com NORMAND (2007) quando esta afirma que, de Saussure, só podemos fazer leituras pessoais, o que supõe sempre escolhas e interpretações⁴. Em outras palavras, falar de Saussure é sempre fazer uma leitura de Saussure.

Dessa forma, e tendo em vista tudo o que foi dito, este trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, realizarei uma breve retomada da constituição do corpus saussuriano, levando em conta tanto o *CLG* e seu estatuto enquanto obra fundadora da linguística, como também as fontes manuscritas de Saussure. Na segunda parte, tentarei apresentar os conceitos teóricos que possibilitaram a constituição da linguística moderna tal como a conhecemos, delimitando duas categorias de análise que, segundo creio, subsidiam satisfatoriamente uma concepção teórica de língua propícia à clínica dos distúrbios de linguagem. Trato aqui das noções de *sistema* e de *valor*, que juntas possibilitam o axioma *a língua é um sistema de valores*. Além disso, discutirei aqui o estatuto do *sujeito falante* na reflexão saussuriana, questão essencial na abordagem que ora proponho. Convocarei nessa parte do trabalho as leituras de alguns comentadores do curso, assim como me servirei da interpretação da *teoria do valor* proposta por Bouquet (2000) a partir das fontes manuscritas de Saussure. Por fim, na terceira parte do trabalho, realizarei a análise de um recorte de diálogo entre paciente e terapeuta em situação de clínica dos distúrbios de linguagem, a partir da perspectiva do valor linguístico. Espero, com isso, mostrar que, desde que se considere o sujeito falante como o ponto de ancoragem edificador da concepção saussuriana de língua como sistema de valores, é possível se considerar as idéias do linguista como algo que possibilite um embasamento teórico acerca dos distúrbios de linguagem. Ao mesmo tempo e inversamente, desejo mostrar que o estudo dos distúrbios de linguagem pode ser do interesse da linguística, na medida em que contribui para o entendimento do funcionamento da linguagem em geral.

³ O distúrbio da afasia aparece de forma muito sucinta no Capítulo III da Introdução do *CLG* (p. 18). No entanto, se ali se encontra, é somente para se discutir sobre a existência de uma “faculdade da linguagem”.

⁴ Minha citação da linguista Claudine Normand advém da tradução feita pelo colega Daniel Costa da Silva da seguinte referência: NORMAND, C. *Saussure: une épistémologie de la linguistique*. Atas de Colóquio, Séoul, 2007.



1. AVENTURANDO-SE EM UM PENSADOR ENIGMÁTICO

Dentre todas as dúvidas e hesitações que constituem quase um século de linguística, talvez a maior delas esteja justamente relacionada àquele que é considerado como o fundador da linguística moderna: Ferdinand de Saussure. O caráter enigmático deste linguista se deve, principalmente, pela circunstância peculiar na qual se materializou seu pensamento. Falo aqui da publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral*, obra que instaura a linguística enquanto ciência e que, de uma forma ou de outra, influenciou (e ainda influencia) todo fazer linguístico. O surgimento do *CLG* já é de conhecimento de todos, mas sempre é importante lembrar: Saussure não escreveu uma linha sequer de sua obra. Seu aparecimento é póstumo (Saussure faleceu em 1913), fruto de anotações de cadernos dos alunos que o mestre teve durante os três cursos de linguística geral que ministrou na Universidade de Genebra, entre os anos 1906/1907, 1908/1909 e 1910/1911. Tais anotações foram organizadas e editadas por dois amigos e colegas de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, os quais não haviam assistido às aulas do mestre, e dessa reconstituição magistral nasceu o *CLG*⁵. Dessa síntese, que reúne em si mesma as reflexões de um linguista insatisfeito com os estudos da linguagem de seu tempo, atormentado com a incapacidade de encontrar termos apropriados para nomear a novidade de seu pensamento, além da organização peculiar dada pelos editores do curso, e de certas adições e transformações terminológicas efetuadas pelos mesmos⁶, surge a linguística moderna, em especial uma leitura que deu origem ao movimento estruturalista e que predominou por durante boa parte do século XX.

⁵ Diz TRABANT (2005): “O *Curso de linguística geral* [...] não possui autor. Ele não é escrito por aquele que se apresenta como seu autor, e seus escritores negam sua paternidade literária. É um texto duplamente órfão” (p. 114, tradução minha).

⁶ Valho-me aqui do estudo de DEPECKER (2009), no qual o autor afirma, com a ajuda dos manuscritos de Saussure e de seus alunos, que “a vontade dos redatores de fazer da obra um conjunto coerente os conduziu a lhe dar uma ordem particular”, a qual oscilava “entre uma ordenação cronológica dos cursos e uma ordenação lógica dos temas” (p. 6-7, tradução minha). Da mesma forma, o autor evidencia certos ajustes e adições empregados pelos redatores e que não encontram correlatos nos manuscritos do corpus saussuriano. Dou como exemplo a famosa conclusão do *Curso: A Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma* (*CLG*, p. 271). Segundo diz DEPECKER (2009), e, antes dele, comentadores do *CLG*, como DE MAURO (1972), tal conclusão não seria oriunda de Saussure, mas sim dos próprios Bally e Sechehaye. Sobre esse ponto é importante ainda lembrar a passagem do prefácio do *CLG*, onde os próprios editores do *Curso* reconhecem a especificidade da obra e lançam a questão: “Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?” (*CLG*, p. 4).



Paralelamente, a partir da metade do século XX, começaram a ser produzidos comentários do *CLG* a partir do aparecimento gradual de fontes manuscritas do próprio Saussure e dos cadernos de seus alunos. Configuram como exemplos as pesquisas de GODEL (1957) e ENGLER (1968, 1974). Esse “retorno a Saussure” culmina com a descoberta, em 1996, quase um século após a publicação do *CLG*, de um grande conjunto de textos manuscritos de Saussure sobre linguística geral, os quais foram organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler e levados a público em 2002 sob o título de *Escritos de Linguística Geral* (doravante *Escritos*). Todo este trabalho filológico resultou no resgate de um pensamento conturbado e fragmentado, porém brilhante, ora muito semelhante ao canônico *CLG*, ora distinto dele. Desse estado de coisas, é correto afirmar que os estudos sobre Saussure parecem divididos hoje entre os estudiosos que vêem nas fontes manuscritas uma forma de complementar a complexidade das reflexões contidas no *CLG* e aqueles que veem nessas fontes um pensamento autêntico de Saussure, um “verdadeiro Saussure”, radicalmente contrário ao que passou a figurar como “vulgata”, ou “deformação” do pensamento saussuriano: o próprio *CLG*.

Embora não seja minha tarefa (e tampouco acredito que seja pertinente) definir Bally e Sechehaye ou como benfeitores ou como vilões na história da linguística, devo explicitar que estabelecerei entre o *CLG* e as fontes manuscritas (incluindo aí também as interpretações das mesmas) uma relação de complementaridade. Com isso quero dizer que as leituras feitas a partir dos escritos saussurianos não comprometem, a meu ver, as reflexões presentes na obra de 1916. Pelo contrário, enriquecem-na ainda mais, possibilitando outras leituras de Saussure que não as que caracterizaram o período estruturalista⁷. No entanto, creio que seja de relevância tecer algumas considerações sobre esse último ponto. Em primeiro lugar, é necessário dizer que, embora tenha dado origem ao estruturalismo, o *CLG* não é um *texto estruturalista*, ou ainda, *Saussure não é um estruturalista*. Prova disso é o próprio fato de que a palavra “estrutura” não aparece uma vez sequer no *Curso*. A palavra empregada é “sistema”. Ou seja, o que se teve foi uma *leitura estruturalista de Saussure*, baseada em grande parte pela terminologia positivista que

⁷ Cabe aqui acrescentar que, embora o *CLG* tenha sido lido com olhos estruturalistas, essa não é a única perspectiva que sua leitura possibilita. Exemplo disso são as leituras atentas que Claudine Normand faz do *Curso*, leituras as quais possibilitam ver no texto de 1916, entre outras coisas, a proposição de uma epistemologia para a linguística e de uma teoria da significação. Para mais detalhes, ver NORMAND (1990, 2007).



vigorava na época de publicação da obra. Em segundo lugar, é dito que, em Saussure, há uma exclusão do sujeito e do sentido e a instauração de dicotomias que acabam por destituir a diacronia e a fala do fazer linguístico. Ora, essa segunda confusão é, sem dúvida, consequência da primeira. Assim, tal crítica só é válida se ela diz respeito à leitura de Saussure no âmbito do estruturalismo. Só aí essa crítica encontra fundamento. Dessa forma, não é sem motivos que evoquei tais questões na introdução deste trabalho, mas as trago apenas como forma de diferenciar minha leitura do pensamento saussuriano dessa concepção formalista, tendo como aporte para meu ponto de vista as fontes manuscritas e suas interpretações.

Parto agora para a tarefa (difícil, diga-se de passagem) de apresentar, ainda que de forma sucinta, as principais idéias de Saussure, em especial as noções que mais me interessam, as quais podem ser articuladas sob o seguinte aforismo: *A língua é um sistema de valores estabelecidos pelo sujeito falante*⁸. É claro que a este axioma estão relacionadas outras noções que o sustentam, como a noção de *signo* e o princípio de sua *arbitrariedade*, a noção de *sincronia*, entre outros, e eles serão levados em conta na apresentação.

2. OS ENSINAMENTOS DE SAUSSURE: DA DIFICULDADE DE ABORDAGEM

Terminei a sessão anterior deste trabalho atestando de certa forma a dificuldade de se apresentar o pensamento de Saussure. Com efeito, falar de seus ensinamentos significa, em primeiro lugar, colocar-se na mesma situação em que se encontrava o mestre genebrino à época de seus cursos, como evidencia sua conversa relatada por L. Gautier, para quem ele confia: “Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, [...], ou fazer algo simplificado [...]. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos” (GODEL, 1975 *apud* BOUQUET, 2000, p. 254). Da mesma forma, significa colocar-se na pele dos próprios editores do *CLG*, os quais, tendo em mãos todas as anotações que dispunham dos alunos de Saussure, certamente se colocaram a terrível pergunta: Por onde

⁸ Tal aforismo não se encontra nem no *CLG* nem nas fontes manuscritas do corpus saussuriano. Ele é de minha autoria e seu emprego advém de minha interpretação do *CLG*, dos escritos e dos trabalhos de estudiosos da área em conjunto.



começar?⁹ Um dos fatores, talvez o principal, dessa dificuldade de abordagem se dá pelo simples fato de que todas as noções que edificam a teoria de Saussure estão estreitamente relacionadas entre si, isto é, para dar conta de um conceito, deve-se necessariamente recorrer a outros, os quais, por sua vez, demandarão ainda outros conceitos, formando assim, em seu conjunto, uma espécie de “rede conceitual”.

Começo, em primeira instância, a partir do *CLG*, texto que foi por muito tempo, e certamente ainda é, “a grande fonte de acesso ao pensamento saussuriano” (FLORES, 2009).

2.1. A LÍNGUA É UM SISTEMA DE VALORES...

O *CLG* é, a meu ver, antes de qualquer outra coisa, uma vigorosa tentativa de estabelecer para a linguística o que mais tarde seria definido como uma *epistemologia*, embora não deva ser reduzido a apenas isso. *Epistemologia* aqui, como afirma NORMAND (2007), diz respeito ao estabelecimento de princípios e critérios aplicáveis na prática dos linguistas, isto é, epistemologia enquanto elaboração dos princípios e critérios que permitiriam falar de uma “ciência da linguagem”. De fato, reflete-se no *Curso* um esforço muito grande em: a) definir, antes de qualquer coisa, o objeto da linguística. Essa é questão lançada pelo *CLG* logo em sua Introdução – “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Lingüística?” (*CLG*, p. 15); b) definir de que unidades se constitui esse objeto e quais são suas características; c) definir o lugar que ocupará essa nova ciência no conjunto dos saberes; d) estabelecer uma terminologia rigorosa que possibilitasse o êxito dos objetivos anteriores; e) definir quais são as tarefas do linguista¹⁰. Dessa

⁹ “Quem tenta reconstituir o pensamento de Saussure, de qualquer lado que se olhe, uma das maiores dificuldades é saber por onde começar” (DEPECKER, 2009, p. 7, tradução minha).

¹⁰ Sobre esses dois últimos pontos, cabe citar aqui os trechos da carta de Saussure a A. Meillet, na qual ele diz: “[...] mais e mais eu vejo a enormidade do trabalho que se faz necessário para mostrar ao linguista o que ele faz [...]” e “[...] essa inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e de mostrar, assim, que espécie de objeto é a língua em geral, sempre termina estragando meu prazer histórico (...). Isso resultará em um livro em que, sem entusiasmo, explicarei por que não há um único termo empregado na lingüística ao qual eu atribua um sentido qualquer” (GODEL, 1975, p. 31). Sobre as “tarefas do linguista”, ver FLORES (2009).



forma, o *CLG* busca instaurar as bases epistemológicas da linguística, intuito o qual BOUQUET (2000) chamará de uma “epistemologia programática” da linguística¹¹.

De que maneira tudo isso se materializa no *CLG*? A partir, primeiramente, da tomada de um ponto de vista sobre a matéria da linguagem, delimitando a “língua” como objeto da linguística. Conforme diz o *Curso*, “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem”, pois, no conjunto “multiforme e heteróclito” que constitui a linguagem, só a língua “é um todo por si e um princípio de classificação” (*CLG*, p. 16-17, os grifos estão no original), uma vez que só ela permite que se infira sobre sua unidade¹². É importante destacar que, ao separar matéria (linguagem) e objeto (língua) através da noção de “ponto de vista”, o *Curso* resguarda uma pluralidade aos estudos sobre a linguagem, fato que entra em conflito com passagens do texto que falam de uma única linguística, ou de uma “Linguística propriamente dita” (*CLG*, p. 28). Tais passagens parecem fazer ouvir mais a voz dos editores do *Curso* do que a de Saussure. Assim, “língua”, para Saussure, é, antes de tudo, um ponto de vista sobre a linguagem (cf. MILNER, 2003).

O ponto de vista adotado por Saussure, talvez a grande novidade de seu pensamento, é o “semiológico”, isto é, trata-se de ver a língua como um “sistema de signos”. Em outras palavras, o objeto língua teria por unidade o *signo*, entidade complexa constituída a partir da união entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante)¹³, sendo ambas as partes igualmente psíquicas. Além disso, o *CLG* postula que o signo linguístico é *imotivado*, uma vez que “o laço que

¹¹ Cabe aqui acrescentar que BOUQUET (2000) vê no *CLG* a presença isolada dessa configuração discursiva e a crítica, definindo-a como o resultado de um falseamento efetuado pelos editores do *Curso*, os quais haveriam negligenciado outras duas configurações de pensamento de Saussure, a saber, uma epistemologia da gramática comparada e uma reflexão metafísica sobre a linguagem, ambas observáveis através dos textos originais do mestre genebrino.

¹² Trata-se aqui tanto da possibilidade de se inferir sobre a unidade da língua, quanto da possibilidade de definir a própria língua enquanto unidade da linguagem. Sobre esse último aspecto, diz o *CLG*: “[...] não é, então, ilusório dizer que *é a língua que faz a unidade da linguagem*” (p. 18, grifo meu).

¹³ O *CLG* reflete a inquietante busca de Saussure por termos apropriados para definir seus conceitos. Trago aqui os termos “conceito” e “imagem acústica”, os quais são substituídos no *Curso* por “significado” e “significante”, respectivamente. No entanto, não são essas as únicas palavras utilizadas por Saussure para designar as duas “faces” do signo linguístico. Tem-se, por exemplo, o emprego de “idéia” e “som” para as mesmas noções, embora “som” não represente, para Saussure, o som material, “mas a impressão psíquica desse som” (*CLG*, p. 80). Essa busca terminológica é apenas uma das muitas dificuldades que a leitura do *CLG* coloca.



une o significante ao significado é *arbitrário*”¹⁴ (*CLG*, p. 81, grifo meu). Assim, ao se conceber a língua sobre o “princípio do arbitrário”, compreende-se não só que não há relação natural entre língua e a realidade, mas também que não há tampouco relação natural entre os elementos que compõe o próprio signo, o que equivale a dizer que a língua não é nem uma nomenclatura nem uma representação do pensamento. Ora, pensar a língua dessa última maneira consistiria em conceber significante e significado como preexistentes a ela. No entanto, antes da língua, há apenas o que o *CLG* nomeia de duas “massas amorfas”:

“Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua. Perante esse reino flutuante, ofereceriam os sons, por si sós, entidades circunscritas de antemão? Tampouco” (*CLG*, p. 130).

Resumindo, a língua não estaria nem no pensamento nem no som; ela é justamente o “intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades” (*CLG*, p.131). E são nessas uniões e delimitações operadas pela língua que esta elabora suas unidades, os signos. A noção de *arbitrário* aqui é essencial, pois é ela que possibilita que a língua seja constituída enquanto sistema. Assim, MILNER (2003) se questiona: “Como pode o signo sustentar-se unido na ausência de toda relação interior, na ausência de um mítico mestre das palavras, na ausência de todo ponto fixo externo?” (MILNER, 2003, p. 36). A resposta vem logo em seguida: “Podemos resumi-la assim: se um signo dado se sustenta, é pelos outros signos” (*idem*). Assim, a língua só é um “sistema de signos” porque suas unidades se definem umas pelas outras. Tal é o caráter do sistema linguístico proposto por Saussure: um sistema relacional, no qual um signo só constitui uma realidade linguística, isto é, só possui existência, na medida em que mantém uma relação de oposição com os demais signos do sistema, não sendo, portanto, preexistente a esse jogo da língua. Dessa

¹⁴ Segundo BOUQUET (2000), embora o princípio da arbitrariedade seja fundamental no *CLG*, ele é ali representado de forma parcial e reducionista. O autor acredita que, para Saussure, a língua possuiria cinco graus de arbitrariedade, sendo três deles internos ao signo e dois relativos às relações dos signos entre si. Tal tese é elaborada pelo autor a partir dos manuscritos saussurianos.



forma, ser signo é ser opositivo dentro do sistema linguístico, e é essa configuração peculiar que coloca a língua como o principal sistema semiológico¹⁵.

Enfim, todas essas características da língua são orquestradas pela noção de *valor*. Ora, o que é o estatuto de uma entidade linguística senão o *valor* que ela exerce em relação com as demais? E isso se dá tanto no plano do significado quanto do significante:

“Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente pelo seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (CLG, p. 136).
 “Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação” (CLG, p. 136-137).

Assim, e ainda com as palavras do *Curso*, “a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema” (CLG, p. 139). Eis porque o problema das unidades é tão complexo¹⁶, uma vez que, como já afirmei, o que define uma unidade linguística é seu valor em relação às outras. Dessa maneira, conclui o CLG: “Eis porque, em definitivo, a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade” (CLG, p. 128). E é esse estado de coisas que permite afirmarmos que *a língua é um sistema de valores*.

Cabe ainda lembrar com NORMAND (2009) que, se a noção de *valor* é a organizadora da teoria de Saussure, “o princípio semiológico do arbitrário serve de pivô a essa circulação de noções [...]. *Valor* e *arbitrário*, as duas noções servem mutuamente de fundamento uma para a outra” (NORMAND, p. 79, grifos da autora). Não poderia ser diferente: se é o valor puramente

¹⁵ “A língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc., etc. *Ela é apenas o principal desses sistemas*” (CLG, p. 24).

¹⁶ “A língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas. Não podemos dispensar-nos de conhecê-las, nem dar um passo sem recorrer a elas; e, no entanto, sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato” (CLG, p. 124).



relacional e diferencial que define as unidades da língua, é justamente em função da natureza arbitrária que as constitui. Assim, o valor linguístico atesta o princípio do arbitrário.

2.2. VALORES ESTABELECIDOS PELO SUJEITO FALANTE

O ponto de vista da língua expresso no *CLG* e aqui sumariamente apresentado foi (e ainda é) alvo de muitas críticas, entre elas a que diz respeito a uma exclusão do “sujeito”. Com efeito, o *Curso* é marcado por uma série de dicotomias, sendo uma delas a que separa língua e fala: “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é mais ou menos accidental” (*CLG*, p. 22). Assim, acompanhou essa divisão uma crítica dirigida ao que NORMAND (2009, p. 132) chama de uma “clausura do sistema e ao afastamento dos sujeitos falantes”. É nesse sentido que o *CLG* enfatiza o caráter “social” da língua, relativo não ao *indivíduo*, mas à *massa falante*: “A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no *uso* e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (*CLG*, p. 132, grifo meu). Mas a dicotomia *língua/fala*, antes de se configurar como uma dicotomia *stricto sensu*, o que significaria ver as duas coisas como inconcebíveis simultaneamente, parece ser mais uma divisão metodológica e, inversamente ao que foi dito, o próprio *Curso* atesta a sua natureza indissociável: “A linguagem tem um lado individual [fala] e um lado social [língua], *sendo impossível conceber um sem o outro*” (*CLG*, p. 16, adições e grifos meus). Assim, haveria entre essas noções mais uma relação dialética de tipo *língua/fala = linguagem* (cf. FLORES; BARBISAN, 2009) do que uma “divisão”, propriamente falando. Assim, se a razão de ser dos valores linguísticos está no “uso”, qual é o papel do sujeito falante nessa configuração? Ora, seu papel é fundamental, diria até mesmo central. Se a língua é um sistema de valores, o responsável por atribuir valor aos seus elementos, dando-lhes significação e assim os constituindo, é aquele que *usa* a língua.

Nota-se também a presença do sujeito falante no pensamento de Saussure através, curiosamente, da proposição de outra dicotomia, a *sincronia/diacronia*. Todos os princípios e conceitos que edificam a perspectiva saussuriana de língua dependem, em primeira instância, que se adote, sobre esta última, um *ponto de vista sincrónico*: “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (*CLG*, p. 95). Tal



conclusão leva Saussure a distinguir duas linguísticas, sendo a perspectiva que estuda a língua em um certo estado de tempo, ou seja, um “estado de língua”, chamada de *linguística sincrônica*, e a perspectiva que estuda o movimento da língua no tempo, sua evolução e transformação, sendo designada de *linguística diacrônica*. Mas onde entra a questão do sujeito falante nessa discussão? O próprio *Curso* responde:

“A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado” (CLG, p. 97, grifos do original).

Assim, fazer linguística sincrônica, ou seja, conceber a língua como um sistema de valores opositivos e descobrir suas unidades é, antes de tudo, *assumir o ponto de vista do sujeito falante*. O que se percebe disso é, portanto, que Saussure não exclui o sujeito falante de suas reflexões. Pelo contrário, ele o persegue a todo instante, movido pelas pistas deste que, apesar de desconhecer toda história de sua língua, ainda assim a usa. É esse “sentimento” ou “consciência” da língua que o falante possui que coincidirá com a noção de *sincronia*. Reforço o que disse com mais uma passagem do *Curso*:

“A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas” (CLG, p. 106).

Se a leitura atenta do CLG já dá mostras dessa presença do sujeito falante nas reflexões do mestre genebrino, os manuscritos saussurianos deixam essa relação entre língua e sujeito ainda mais explícita. O quarto capítulo da obra de DEPECKER (2009) não é intitulado *La langue et la conscience des sujets parlants* à toa. Nele, o autor defende que mesmo que se reduza a língua a um simples sistema de signos, ainda assim é o espírito que intervém, e afirma que:

“para Saussure, o papel da consciência na língua não é um simples postulado. É um princípio fundamental. Pois como reconhecer um signo se a consciência não estiver aí implicada? Insensivelmente, a análise se aprofunda, fazendo intervir não mais somente o ‘espírito’, a ‘consciência’, mas o ‘sujeito falante’” (DEPECKER, 2009, p. 102, tradução minha).



É isso o que figura nessa passagem dos *Escritos* de Saussure: “[...] a cada momento de sua existência, só existe linguisticamente o que é *percebido pela consciência*, ou seja, o que é ou se torna signo” (*ESCRITOS*, p. 44, grifos meus). Da mesma forma, Saussure afirma que “em todo estado de língua, os sujeitos falantes têm consciência [...] de unidades significativas” (*op. cit.*, p. 159) e, mais adiante, adverte: “Não nos esqueçamos de que tudo o que existe no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real” (*op. cit.*, p. 160). Assim, esse “sentimento da língua” que todo sujeito falante possui constituiria, como aponta DEPECKER (2009, p. 107), “um princípio metodológico, guia principal do linguista”.

Por fim, se podemos afirmar que o sujeito falante é estruturante da linguística sincrônica, na medida em que é ele quem atribui valor às entidades da língua e configura seu sistema, isso se torna ainda mais evidente se levarmos em conta a reflexão que BOUQUET (2000) desenvolve sobre o *valor* a partir dos manuscritos saussurianos. Sem querer abordar a totalidade dessa questão no pensamento do autor, trago aqui apenas um aspecto do valor por ele compreendido: trata-se do que ele chama de *valor in praesentia*. Para o estudioso, a noção de *valor* empreendida por Saussure vai além daquela presente no *CLG*, e isso pelos seguintes motivos:

- a) A noção de *valor* contida no *Curso* constituiria apenas um aspecto do valor saussuriano, além de ser, segundo o autor, vista de forma simplista por Bally e Sechehaye. Para ele, o valor teria dois aspectos: o *valor in absentia* e o *valor in praesentia*. Ao primeiro aspecto estaria relacionado o valor do *CLG*, embora Bouquet reconheça aí cinco graus de valor, correspondentes aos cinco graus de arbitrariedade do signo por ele propostos a partir dos textos originais¹⁷;
- b) O segundo aspecto do valor, o *valor in praesentia*, não encontra correlato no *CLG* e, segundo Bouquet, provém da ordem do *sintagma*. Ou seja, além do valor que se constitui no sistema da língua, há ainda o valor que se constitui na realização efetiva da língua em sintagmas, e aqui o papel do sujeito falante é central, já que é sempre ele que coloca a língua em uso.

¹⁷ Não entrarei aqui em detalhes sobre o *valor in absentia*. Sucintamente, Bouquet estabelece três graus de valor interno ao signo (correspondentes aos três graus de arbitrário interno do signo) e dois graus de valor sistêmicos do signo (correspondentes aos dois graus de arbitrário sistêmico do signo).



As seguintes passagens dos manuscritos de Saussure¹⁸ tornam evidente essa concepção de valor:

“Toda palavra da língua tem a ver com as outras palavras – ou melhor, ela não existe a não ser em relação às outras palavras, e em virtude do que está à volta dela. [...] A relação e a diferença das palavras entre si se desenrola segundo duas ordens, em duas esferas completamente distintas: cada uma dessas esferas é geradora de uma certa ordem de valor. [...] Trata-se de duas esferas ou de duas maneiras de coordenar as palavras com outras” (*apud* BOUQUET, 2000, p. 255-256).

“O valor resultará sempre do agrupamento por famílias e do agrupamento sintagmático. [...] São essas duas oposições perpétuas: por sintagmas e por tudo o que difere (o que não trazemos, mas que poderíamos trazer para o discurso) – é sobre essas duas oposições, modos de ser vizinho ou diferente de outra coisa, que repousa o mecanismo de um estado de língua” (*apud* BOUQUET, 2000, p. 268).

De tudo o que foi dito até aqui, é possível se chegar à seguinte linha de raciocínio: Se é a “consciência” do sujeito falante, esse “saber” do indivíduo sobre a língua, que possibilita a concepção desta como um sistema de valores, e a noção de *valor* abrange tanto essa esfera do sistema quanto a decorrente da “sintagmação”, então “sujeito falante” e “valor” implicam em uma dificuldade de separação entre *língua* e *fala*, isto é, *língua* e *fala* são, nesse raciocínio, unidos e inseparáveis. É nesse sentido que afirma NORMAND (2009, p. 123, grifos meus): “O objeto-língua [...] ultrapassa definições e classificação, uma vez que se trata de um *sistema aberto que só existe pela atividade incessante dos sujeitos falantes*, inconscientes (até que ponto?) do que acionam”.

Assim, tendo realizado este percurso teórico, acredito que os distúrbios de linguagem permitem mostrar de forma espantosa essa indissociabilidade entre *língua* e *fala*, ou seja, eles tornam evidente o quanto a fala tem influência sobre a configuração sistêmica da língua, e o quanto o sujeito falante está aí implicado, na mesma linha de pensamento que leva NORMAND (2009), ao abordar o fenômeno da analogia, a fazer a seguinte comparação: “O fenômeno analógico é uma 'criação' e Saussure o integra em sua teoria da língua, vendo aí uma operação da

¹⁸ As citações dos manuscritos saussurianos que farei aqui são retiradas de BOUQUET (2000). A necessidade de tal declaração se dá pelo fato de que as traduções em português dos trechos dos manuscritos presentes nessa obra e nos *Escritos* apresentam diferenças.



mesma ordem que a da atividade corrente dos locutores, como em outros campos, o *'patológico'* (ou considerado como tal) esclarece o *'normal'*, cujos traços ressalta? (NORMAND, 2009, p. 96, grifos meus)¹⁹.

3. ANÁLISE

Para dar conta de exemplificar a premissa com que terminei o capítulo acima, parto agora para a análise de um recorte de diálogo em situação de clínica dos distúrbios de linguagem. Desejo, com isso, mostrar que as reflexões de Saussure, quando tomadas a partir da perspectiva que aqui tentei delinear, podem subsidiar uma abordagem linguística dos distúrbios de linguagem, ao passo que, inversamente, a análise dos distúrbios de linguagem permite elucidar os princípios elaborados acima a partir da obra saussuriana operando no funcionamento da linguagem.

O recorte que trago para análise consiste na transcrição de um diálogo entre paciente e terapeuta extraído de gravação em cena fonoaudiológica. Trata-se do caso de um menino de cinco anos de idade, cuja queixa de gagueira e desvio fonológico se faz presente²⁰. O recorte será apresentado em turnos, sendo T o terapeuta e P o paciente. No diálogo que se desenrola, T e P desenham e conversam sobre a história de uma “bruxa boazinha”, personagem de um livro de histórias ilustrado antes visto por ambos os interlocutores.

RECORTE

T	P
	1) A blu a blu a blu a blu a blu a blu adola tu faz a blu a blu a blu aba a ba a ba a ba aba a bãta de neva.
2) A branca de neve? Tu faz, eu já fiz a bruxa.	
	3) Tu faz.
4) Será que eu vou saber fazer, quem sabe faz tu, que assiste o filme?	

¹⁹ Não é de meu interesse neste trabalho entrar na discussão sobre a distinção *normal/patológico*. A questão é complexa quando o interrogante é a linguagem e requer, antes de tudo, a tomada de um ponto de vista. Sobre este assunto, ver SURREAUX (2006) e ARESI(2009).

²⁰ Essa sessão ocorreu em 2006 nas Clínicas Integradas IPA de Porto Alegre e sua gravação integra o banco de dados ENUNSIL (*Enuniação e Sintoma na Linguagem*), do Instituto de Letras da UFRGS.



	5) Não, tu faz.
6) Que cor é a pele da branca de neve?	
	7) Écha (mostra um lápis de cor).
8) Rosa? Não é essa aqui?	
	9) É.
10) Vamo faze bem branquinha, pode ser?	
	11) E a blu, a blu a bluxa?
12) A bruxa eu já desenhei noutro lado e que cor é a roupa da branca de neve?	
	13) O vetido.
14) O vestido dela?	
	15) Fa fa fa fa fa fa faz, i i i i faz, e faz a bruxa malvada.
16) Eu já desenhei a bruxa malvada.	
	17) Não.
18) Tu quer outra bruxa malvada?	
	19) Télo, nã nã nã nã nããã não não não écha.
20) Não essa?	
	21) Não.
22) E como que é a outra?	
	23) A téta.
24) A bruxa careca?	
	25) É, e a machã.
26) A maçã?	
	27) É, a machã.

Meu principal ponto de interesse nesse recorte é, sem dúvida, o turno (1), o qual inicia o diálogo. Repito aqui o sintagma enunciado por P: “*A blu a blu a blu a blu a blu a blu adola tu faz a blu a blu a blu aba a ba a ba a ba aba a bãta de neva*”. Nele, podemos ver que P tenta expressar seu desejo de que T desenhe uma bruxa, porém se vê impossibilitado de enunciar o signo “bruxa”, seja pelo desvio (“*blu*” ao invés de “*bru*”), seja pela disfluência, o que o leva a operar um



deslizamento de significante, e o que, por fim, o conduz a enunciar “*bãta de neva*”. Trata-se, portanto, agora, da vontade de realizar um desenho da “Branca de Neve”, famosa personagem dos contos infantis. Será mesmo verdade? O desenrolar da conversação parece mostrar justamente o oposto. Vemos, por exemplo, no turno (11), após T supor que a tarefa agora é realmente a de desenhar a “*bãta de neva*”, P, confuso, indagar “*E a blu, a blu, a bluxa?*”. T responde que a “bruxa” já foi desenhada e insiste na realização do desenho da “Branca de Neve”, mas eis que P, no turno (15), protesta: “*Fa fa fa fa fa fa faz, i i i i faz, e faz a bruxa malvada*”. T confunde a “bruxa boazinha” que já havia desenhado com essa nova “*bruxa malvada*” proposta por P. Tanto é que P, reconhecendo a confusão referencial, diz “*nã nã nã nã nããõ nãõ nãõ nãõ échá*”, ou seja, não essa “bruxa boazinha”, mas a “*bruxa malvada*”, a “*tétã*”, no turno (23) – e que T significa como “*bruxa careca*” no turno seguinte –, a que carrega a “*machã*”, no turno (27). Percebemos, assim, que P, no turno (1), enuncia mais seu intuito de fazer com que T desenhe uma “bruxa malvada” do que uma “Branca de Neve”, ou ainda uma “bruxa boazinha”, já desenhada.

As inquietantes perguntas que suscitam esse trecho de diálogo são, entre outras: a) por que P mobiliza o signo “*bãta de neva*” no turno (1)? b) O que significa essa expressão nessa instância de uso? Ou, nos termos da reflexão aqui desenvolvida, qual *valor* P atribui ao signo “*bãta de neva*” nessa mesma instância? À primeira pergunta, podemos dizer que P chega à expressão “*bãta de neva*”, por uma impossibilidade de enunciar a expressão “bruxa”. Impossibilidade colocada pelo distúrbio? Difícil dizer, já que no turno (15) o termo “*bruxa malvada*” é dito por P sem qualquer dificuldade fonológica ou de disfluência. Não levarei adiante essa questão. O que interessa aqui é que P, no turno (1), não consegue dizer “bruxa” e recorre, portanto, ao termo “*bãta de neva*”. Seria esse o único motivo? Se sim, temos que nos contentar com o fato de que a escolha deste último termo é aleatória, podendo ser qualquer outra coisa, ou qualquer outra personagem de contos infantis. Não acredito nessa hipótese. Creio, ao contrário, que a ocorrência de “*bãta de neva*” nesse contexto tenha se dado não somente pela dificuldade de dizer “bruxa”, mas também porque o termo aí estabelece uma relação de sentido muito próxima com o termo em falta. E isso dá resposta à nossa segunda questão. Assim, se “*bãta de neva*” aparece nessa instância de fala, é porque seu *valor* aí está em relação com “*bruxa malvada*”, signo em falta e que



só virá na conversação quatorze turnos depois, e ao qual estão, por sua vez, relacionados os signos “*téta*” e “*machã*”, nos turnos (23) e (25,27), respectivamente.

Dessa forma, a operação efetuada por P se mostra de uma natureza incrivelmente complexa: o deslizamento que vai de “*blu*” para “*ba*” e por fim para “*bãta de neva*” envolve: a) uma relação de semelhança que se estabelece entre os significantes dessa cadeia falada, sendo, portanto, uma operação realizada pela via sintagmática (*in praesentia*), isto é, que só se dá pela “sintagmação”; b) ao mesmo tempo, uma relação de caráter associativo (*in absentia*) entre o significado de “*bãta de neva*” e o de outros elementos, dentre os quais os que figuram mais tarde no diálogo (“*bruxa malvada*”, “*téta*” e “*machã*”). Ora, estando-se na impossibilidade de enunciar o nome de uma personagem, que forma melhor de se remeter a ela senão através da menção da personagem principal da história da qual aquela é a maior vilã? Ainda que este último raciocínio seja fruto de minha interpretação, ele parece traduzir com eficácia o que foi dito no turno (1) por P, ao mesmo tempo em que leva em consideração o processo linguístico associativo efetuada por este. Sobre esse último aspecto, penso, em especial, na comparação presente no *CLG* entre as relações associativas dos signos e a metáfora de uma *constelação*: “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida” (*CLG*, p. 146). Portanto, não seria insensato dizer que “*bãta de neva*” funciona, no turno (1) do recorte, como um sinônimo de “*bruxa malvada*”, ainda que ambos possuam, geralmente, sentidos antagônicos²¹.

Agora, a que se deve essa relação associativa entre os elementos senão ao “espírito”, que os configura em “constelações” e capta também a natureza de suas relações? Ou seja, trata-se aqui sempre da consciência do sujeito falante, e o recorte de diálogo acima analisado ilustra bem esse fato. Assim, podemos ver, através desse recorte, que não apenas o *valor in absentia* que configura o sistema da língua torna possível o uso desta, como também o *valor* que o falante estabelece *in praesentia* reconfigura o sistema da língua, produzindo, a todo instante, novos *valores in absentia*. Eis aí uma visão de língua como um sistema aberto, visão na qual “valor” e “sujeito falante” tornam indissociáveis *língua* e *fala*: não há como se conceber um sem o outro. Tal

²¹ Cabe aqui trazer as palavras de Saussure. Sobre a sinonímia, diz ele: “A ‘sinonímia’ de uma palavra é, nela mesma, infinita, ainda que seja definida com relação a uma outra palavra” (*ESCRITOS*, p. 71). Esse caráter de infinitude da sinonímia se deve à natureza semiológica da língua, e o recorte aqui analisado evidencia esse fato.



constatação faz eco às palavras de DEPECKER (2009, p. 128, tradução minha): “É a partir do indivíduo que se pode compreender a linguagem, pois ele se encontra no cruzamento entre a língua e a fala”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendi, neste estudo, apresentar uma leitura do pensamento saussuriano que possibilitasse uma abordagem teórica propícia aos distúrbios de linguagem. Para tanto, realizei uma retomada das idéias de Saussure presentes no *Curso de Linguística Geral*, obra fundadora da linguística moderna, bem como das reflexões presentes nos manuscritos saussurianos e de seus decorrentes estudos teóricos, para depois, a partir da construção de uma concepção teórica de língua como *sistema de valores estabelecidos pelo sujeito falante*, analisar um recorte de diálogo entre terapeuta e paciente em situação de clínica dos distúrbios de linguagem.

Chego, assim, ao final deste estudo, com a conclusão de que os ensinamentos de Saussure, quando vistos à luz de uma interpretação que leve em conta o sujeito falante, podem contribuir substancialmente para os estudos acerca dos distúrbios de linguagem. Da mesma forma, os distúrbios permitem que se teçam considerações sobre a linguagem em geral, uma vez que se atente para seu funcionamento.

No entanto, este pequeno estudo não representa, de forma alguma, um ponto final sobre essa discussão, e se faço uso desse sinal gráfico, isso se dá apenas à moda de um efeito de conclusão. Realizei aqui apenas uma dentre as muitas aproximações que as idéias de Saussure permitem traçar entre a linguística e os distúrbios de linguagem. Muito ainda precisa ser dito.

BIBLIOGRAFIA

- ARESI, Fábio. *Por uma problematização da distinção normal/patológico na linguagem: uma abordagem enunciativa*. Monografia de conclusão de curso. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2009.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.



- DE MAURO, Tullio. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.
- DEPECKER, Loïc. *Comprendre Saussure: d'après les manuscrits*. Paris: Armand Colin, 2009.
- FLORES, Valdir. O linguista e a linguística no CLG. In: *Nonada letras em revista*. Porto Alegre: UNIRITTER, 2009.
- FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Droz, 1957.
- MILNER, Jean-Claude. *El periplo estructural: figuras y paradigma*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.
- NORMAND, Claudine. *La quadrature du sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- _____. *Saussure: une épistémologie de la linguistique*. Seul: Atas de Colóquio, 2007.
- _____. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. *Escritos de linguística geral* (Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler). São Paulo: Cultrix, 2004.
- SURREAUX, Luiza. *Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2006.
- TRABANT, Jürgen. Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs? Notes item sur l'étymologie saussurienne. In : CHISS, Jean-Louis ; DESSONS, Gérard. *Langages*. Paris: Larousse, n.159, setembro, 2005.